



## SELEÇÕES MADE IN BRAZIL

Por: Sérgio Gabriel  
 sergiogabrieljunior@gmail.com  
 Twitter:@sergiogsjr

Um africano enfrenta inúmeras dificuldades para entrar na Europa por causa das leis de imigração. Tal afirmação não procede, se ele é esportista. Craques do futebol, ídolos do atletismo ou jovens valores de qualquer modalidade encontram as portas abertas nas nações da Comunidade Européia. A situação se repete nos Estados Unidos, um dos campeões em matéria de restrição à entrada de estrangeiros, principalmente se oriundos do Terceiro Mundo. Mas, no caso dos atletas, as autoridades americanas flexibilizam as regras e os vistos saem com a velocidade dos records.

A globalização elevou o atleta de ponta à categoria de "imigrante privilegiado". Ao mesmo tempo em que a maioria dos países desenvolvidos cria ou endurece suas leis de imigração, cresce rapidamente o número de desportistas que trocam de cidadania. Em algumas modalidades, notadamente no atletismo, percebe-se a "exportação" de atletas da África para as nações ricas da Europa, Ásia e Estados Unidos. Eles mudam de nacionalidade, deixam a terra natal, muitas vezes enfrentam dificuldades com o idioma, mas encontram condições superiores de treinamento, dispõem de suporte médico e psicológico, além de receberem muitos dólares ou euros.

Hoje os organismos internacionais do esporte buscam formas de coibir abusos na troca de nacionalidade dos atletas. A primeira iniciativa partiu da Fifa. Para tentar reduzir a quantidade de naturalizações, a entidade máxima do futebol mun-

dial aumentou de dois para cinco anos o tempo mínimo que o jogador tem que viver em um país para que ele possa receber a cidadania e atuar pela seleção local. Tudo por causa do Qatar, um pequeno país árabe rico em petróleo. Para ter mais chances de conquistar uma vaga na disputa das Eliminatórias da Copa de 2006, a federação local bolou um plano de "importação de craques". Três jogadores brasileiros receberam proposta para trocar de nacionalidade e integrar a seleção do Qatar. Cada um ganharia 1 milhão de euros pela naturalização e cerca de 400 mil e u r o s por temporada - cerca de R\$ 3,5 milhões e R\$ 1,4 milhão, respectivamente.

Na Copa do Mundo da Alemanha, em 2006, cinco atletas nascidos no Brasil, jogaram por outras seleções. Esse número pode dobrar no Mundial da África do Sul, neste ano. O presidente da Fifa, Joseph Blatter, em entrevista a CNN, declarou "Se não tomarmos cuidado, na próxima Copa do Mundo nós teremos 16 times de jogadores brasileiros. Isso é um verdadeiro perigo". E isso não é só no futebol, acontece também no Futsal, modalidade em que a Itália tem uma seleção formada só por jogadores nascidos no Brasil.

A última rodada da primeira fase da Copa do Mundo de

2010 reserva um jogo especial ao Brasil. Com a esperança de já ter a vaga assegurada para as oitavas-de-final da competição, a seleção de Dunga busca cumprir tabela contra o que considera como o adversário mais temido de seu grupo: Portugal. Vamos enfrentar uma espécie de Brasil B na Copa", alfinetou Dunga, logo após saber que o Brasil enfrentaria Portugal, de Liédson, Deco e Pepe. A evidente manifestação de que o Brasil é representado por mais de um time na Copa da África do Sul.



Liedson um craque luso brasileiro

Com passagens por Corinthians e Flamengo, Liédson é o mais mais novo 'intruso' no time do técnico Carlos Queiroz. Conhecido em Lisboa como 'Levezinho' por sua estatura e forma física, o atacante de 32 anos é um dos maiores ídolos do Sporting. Atualmente, há cerca de 70 jogadores nascidos no Brasil nesta situação.

Outro brasileiro naturalizado que será presença garantida no Mundial da África do Sul é o volante paulista Marcos Senna. O ex-jogador do Corinthians disputou a Copa de 2006 pela seleção

espanhola e vai repetir a dose em 2010.

A Itália também poderá usar dois brasileiros naturalizados: o atacante paulista Amauri, do Juventus, já obteve cidadania italiana e aguarda sua primeira convocação. Já o zagueiro Fabiano Santacrose, de apenas 22 anos, jogador do Napoli, é baiano de Camaçari, filho de italiano com brasileira, criado na Itália, é cidadão italiano, e já foi convocado pelo técnico Marcelo Lippi para amistosos.

A Alemanha é outra que poderá recorrer ao futebol brasileiro. Os alemães já tiveram o brasileiro naturalizado Paulo Rink na seleção, e devem ter no grupo que o técnico Joachim Low levará ao Mundial, o atacante Cacau, de 28 anos, jogador do Stuttgart.

A equipe do Japão é outra que costuma levar brasileiros naturalizados para as Copas que disputa e, em 2010, deve manter a tradição. O zagueiro Marco Túlio é nome certo na África do Sul. Filho de um nipo-brasileiro, mora no Japão há 13 anos. Antes dele, já disputaram um Mundial com a camisa japonesa Wagner Santos (1998) e Alex Santos (2002 e 2006).

Benny Feilhaber é carioca e foi para os EUA com os pais quando tinha seis anos de idade. Hoje, aos 25, é convocado com frequência para a seleção americana. Ele enfrentou a seleção brasileira na final da Copa das Confederações de 2009, disputada na África do Sul.

Por fim, outro brasileiro que deve figurar na Copa do Mundo deste ano com a camisa de outro país é o volante Leandro Augusto, ex-jogador do Botafogo, e que está cotado para atuar com a camisa da seleção mexicana.